



A importância da documentação por sketches em viagens exploratórias citadinas - De Brasília a Goiás, do moderno ao colonial

Juan Carlos Guillen Salas¹

Luana Miranda Esper Kallas²

Resumo: O desenho é uma prática dos tempos rupestres, como visto nos registros documentais de várias localidades no mundo. Na atualidade é uma prática cada vez mais comum entre movimentos de desenhadores de rua pelo mundo e que se tem resgatado como forma de registro documental da arquitetura e da cidade. Nas antigas viagens exploratórias também se utilizava dessa prática como forma de registro do Novo Mundo, na visão dos Naturalistas. Na arquitetura, foi amplamente utilizada como forma de resgate de monumentos históricos, como os utilizados por Viollet-le-Duc, Boito e os antiquários, para os dois primeiros, também como forma de conhecer a cidade e a arquitetura, prática também utilizada por Lúcio Costa para conhecer a Arquitetura Portuguesa. Assim, este ensaio apresenta o registro documental por sketches em viagens exploratórias citadinas de Brasília à Goiás, do Moderno ao Colonial, como forma de conhecer, caminhando pelas cidades e registrando em desenhos ou *sketches* as primeiras impressões do lugar, o que foi alcançado partindo de Brasília, passando por Goiânia, com representantes da Arquitetura Moderna e Art Dèco; na Cidade de Goiás, com representantes da Arquitetura Art Nouveau, Neogótica e Colonial; e em Pirenópolis e Corumbá de Goiás, com representantes da Arquitetura Colonial.

Palavras-chave: Conhecer e Caminhar em Cidades; Desenho; Croquis; Arquitetura; Patrimônio.

The importance of documentation by sketches in exploratory city travels - From Brasília to Goiás, from modern to colonial

Abstract: Drawing is a practice from cave times, as seen in the documentary records of various locations around the world. Nowadays it is an increasingly common practice among movements of street sketchers around the world, and it has been rescued as a form of documentary record of architecture and the city. In the old exploratory voyages, this practice was also used as a way to register the New World, in the vision of the Naturalists. In architecture, it was widely used as a way to rescue historical monuments, as used by Viollet-le-Duc, Boito and the antiquarians, for the first two, also as a way to know the city and architecture, a practice also used by Lúcio Costa to know Portuguese Architecture. Thus, this essay presents the documental register by sketches in exploratory city travels from Brasília to Goiás, from Modern to Colonial, as a way to know, walking through the cities and registering in drawings or sketches the first impressions of the place, which was achieved starting from Brasília, passing through Goiânia, with representatives of Modern and Art Dèco Architecture; in the City of Goiás, with representatives of Art Nouveau, Neo-Gothic and Colonial Architecture; and in Pirenópolis and Corumbá de Goiás, with representatives of Colonial Architecture.

Keywords: Knowing and Walking in Cities; Drawing; Sketches; Architecture; Heritage.

1 Doutorando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília

2 Doutorado em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. Professora da Universidade Federal de Goiás.

Introdução

Conhecer, despertar, caminhar, encontrar, descobrir sua história: esta é uma proposta de conhecer um pouco da história do Centro-Oeste brasileiro, despertando pelo caminhar nas cidades, o encontrar sua história, descobrindo novas ou velhas formas de registrar o momento.

Já não é novidade que o desenho é a forma mais antiga de registro e que os paisagistas do passado utilizavam este recurso como forma de descobrir as profundezas de um país, registrando a flora, a fauna, a arquitetura, as pessoas e os modos de vida de um lugar. Nesse contexto, de diversas rotas de descoberta e registro até o Brasil profundo, as quais duravam meses, anos e até décadas, que essa experimentação traz um percurso e uma trajetória da mais recente história até a época colonial.

Com o objetivo de apresentar uma experiência da viagem por cidades históricas registradas em *sketches* desde o moderno ao colonial, saindo de Brasília, passando por Goiânia, Cidade de Goiás, Pirenópolis e Corumbá de Goiás e, por fim, retornando à Brasília, procura-se criar uma memória de um tempo. Os materiais utilizados para este registro são as canetas marcadoras e a aquarela, “impressos” em *sketchbooks*, onde as cidades e sua arquitetura são retratadas por meio de *sketches* (desenhos), mostrando os cenários de um tempo recente e as marcas do contemporâneo naqueles mais antigos, criando novas memórias. O argumento principal para esse ensaio parte da ideia de apresentar o porquê de registrar as cidades e sua arquitetura do recente ao passado por meio de desenhos. Para isso discute-se sobre Violette-le-Duc, Boito, Choay, Baudelaire e Lúcio Costa e a relação do desenho, do conhecer e caminhar pelas cidades.

Buscamos experiências mais recentes, as quais já ressaltaram sobre o desenho e o caminhar como forma de conhecer o lugar, tais como Kallas et al. (2021); Kallas et al. (2020), Del Rio (2016) e Imam, Bakr e Anany (2016). E, por fim, a experiência apresentada como resultado deste ensaio que é um conjunto de quatro viagens exploratórias dentro da rota Brasília, passando por Goiânia, Cidade de Goiás, Pirenópolis e Corumbá de Goiás, retornando à Brasília. Demonstrando assim, a relação da importância do desenho, do caminhar e conhecer o lugar, os êxitos e a experiência comprobatória de uma rica história do Centro-Oeste brasileiro em *sketches*.

Fundamentação

O desenho e o caminhar e sua relação com a memória são aqui debatidos por meio dos autores Violette-le-Duc, Choay, Boito, Baudelaire, Rossi e Lúcio Costa falando da importância do desenho e do conhecer a cidade e como isso se relaciona a memória, mais especificamente a memória coletiva expressada por Aldo Rossi, que aqui serão chamados de autores clássicos e apresentados adiante. Como forma de demonstrar a importância do desenho e do conhecer a cidade, os autores contemporâneos Kallas (2021); Kallas (2020), Del Rio (2016) e Imam, Bakr e Anany (2016) que são apresentados com suas respectivas experiências no subitem *O desenhar e o conhecer – experiências recentes*.

O desenhar e o conhecer - teóricos

Como já citado, aqui são discutidos os autores clássicos que abordam o desenhar e o conhecer a cidade, que começa apresentando Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc³, francês, arquiteto recém-formado na década de 1830 em um momento propício para o debate e crescimento da arquitetura. Momento esse em que havia um grande interesse pela arquitetura medieval e no qual, Viollet-le-Duc procurava conhecer a França por meio de algumas viagens, chegando à Normandia e, posteriormente, indo à Itália, conhecendo várias outras cidades. Foi nessas viagens, que duravam meses, que o arquiteto utilizou-se do desenho como forma de registro da arquitetura até os mínimos elementos construtivos. Esses registros foram compilados em um *Dictionnaire Raisonné de l'architecture française*, no qual foram registradas suas viagens. Aquela mais importante e que seria a responsável pelo desenvolvimento de sua arquitetura gótica, foi a de um mês pela Normandia, imergindo na arquitetura medieval (BRESSANI, 2014).

Todas as suas viagens do início da década de 1830 resultaram em uma grande quantidade de desenhos e aquarelas. Estes apresentavam a arquitetura do lugar, mostrando a tipologia construtiva e os detalhes das esquadrias e materiais utilizados à época. Em suas aquarelas, fazia um trabalho minucioso e, com sua então recente fama de pintor, acabou por receber encomenda do Rei Luís Felipe (França) para desenvolver algumas pinturas, de acordo com Bressani (2014). Em um dos seus trabalhos apresentados por este autor, é possível visualizar a riqueza de detalhes, a exemplo, da obra *View of the Stair of the Château des Tuileries*, onde os adornos da porta, do lustre e da abóbada são claramente vistos, juntamente com o desenho estampado no tapete apresentando-se de forma nítida.

Todos esses desenhos e aquarelas registrando os lugares por onde Viollet-le-Duc passou foram feitos nos anos de 1830, viajando pela França e Itália, até meados de 1837, sendo fundamentais para o que ele viria a se tornar e sua importância no campo da restauração intervencionista, termo utilizado por Choay (2014). Esta autora aborda o advento da imagem, colocando em pauta a questão do desenho, que para a arquitetura é fundamental que seja realizado no próprio local, para acrescentar valor ao monumento histórico. Além disso, ao citar os ilustradores ou antiquários, coloca o questionamento sobre a diferença do trabalho deles com o realizado por outros desenhadores e artistas, sendo esses últimos pouco precisos, completando que talvez fosse por suas inabilidades que ignoram os detalhes, ou porque aplicam o seu estilo pessoal e que por isso mesmo, enfatiza ser o melhor registro documental aquele realizado no local. A autora ainda exprime a ideia do aperfeiçoamento do conceito de monumento histórico em razão da maior precisão na representação dos edifícios, por meio do desenho ao longo dos tempos. Ou seja, quanto mais detalhado e preciso o desenho do edifício representado, mais contribuição ele terá para o registro da história, agregando valor de monumento histórico para a edificação em questão.

De outro lado, na Itália, também ignorando aqui os debates sobre restauração, apresenta-se Camillo Boito, italiano, formado como arquiteto em 1849, o qual, assim como Viollet-le-Duc, fez viagens de estudos em 1856, conhecendo Roma e Florença, entre outras cidades. Boito também estudou a arquitetura medieval, envolvido em um momento de renovado interesse nacionalista pelas construções medievais. Além dessa

3 Deixando de lado toda a polêmica que o envolve, é importante demonstrar sua importância em relação ao registro da arquitetura por meio de seus desenhos e aquarelas.

semelhança com Viollet-le-Duc, Boito também se envolve com a arquitetura de restauração (BOITO, 2008). Em seus trabalhos de restauração é perceptível o uso do desenho, com máximos detalhes, e que pode ser visto em Freitas (2020), que aborda que é possível identificar as diferenças do edifício por meio dos vários desenhos, como por exemplo, as divergências do campanário. O que já havia sido registrado sobre a Basílica dos Santos Maria e Donato em Murano, na Itália, a qual passou por diversas transformações e que ao ser restaurada por Boito, este aproveitou-se de muitos desenhos para encontrar a proposição para seu restauro (BOITO, 2008). Nesse sentido, o uso do desenho para conhecer o lugar ou o edifício é de fundamental importância no campo da Arquitetura e mais precisamente, no que refere à patrimônio: a princípio os restauradores utilizavam-se dos desenhos, depois da fotografia e mais recentemente da fotogrametria (KALLAS, et al., 2021).

O desenho, utilizado tanto por Viollet-le-Duc e Boito, reafirmado por Choay, como sendo representações mais racionais, precisas e com o máximo de detalhes na representação do objeto, a fim de reconhecer o valor histórico e com vistas ao patrimônio cultural e sua restauração, difere-se do tipo de desenho chamado croqui de costumes, também praticado por Viollet-le-Duc. Para Baudelaire (1996) o croqui de costumes, é o desenho da vida cotidiana, que pode ser representada por edifícios, cidades, pessoas, ou o conjunto. Para ele a obra será mais valiosa, se tiver mais beleza, sem necessariamente primar pelo preciosismo na representação por desenho. Assim, embora possam retratar os mesmos objetos, ou seja, a arquitetura e a cidade, os objetivos entre os dois tipos de desenho se tornam diferentes. Para Choay, mais preciosismo na representação agrega valor ao monumento histórico, enquanto que para Baudelaire, terá maior valor artístico aquele que contribuir com maior beleza em seus desenhos.

Baudelaire (1996) aponta a figura do *flâneur* como um observador ou, conforme o Dicionário Michaelis, “uma pessoa que passeia ociosamente” (2019). Passeia pela cidade, observa-a e a pinta. Esse pintor anônimo de costumes, que é apresentado como um homem do mundo, conhecedor de muitos lugares, registrou mais que o simples costume de uma época, como as pessoas, mulheres e homens em seus trajes de época, mas também os veículos, os animais, as festividades, cenas da modernidade, entre outros. Esses registros da vida, narrados por Baudelaire (1996) sobre o pintor anônimo, mostra uma pessoa, que já em idade avançada começa a expressar a vida que percorreu, seja por desenhos de memórias, ou por desenhos *in loco* (como os da guerra) e a sua expressão não vem da formal formação do artista, era autodidata, buscando retratar temas de forma original, caracterizando um estilo próprio. O autor coloca ser este, o verdadeiro desenhista, usando a memória e não a partir do que se vê, indo de encontro com as colocações trazidas por Choay ao se referir aos desenhistas antiquários. Mas a diferença não é apenas essa, o pintor trazido por Baudelaire é um entusiasta da vida, que retrata o que viu e, em alguns raros casos, o que via, já os antiquários desenhavam o que viam no instante, incluindo os detalhes com precisão.

Já diferindo em objetivos e nas formas de retratar e conhecer a cidade, apresenta-se Lúcio Costa (PESSÔA; COSTA, 2013), arquiteto do século XX, mas que viveu na França e depois se estabeleceu no Brasil, arquiteto formado em 1924, também aquarelista. Quando recém-formado se envolveu com o movimento neocolonial em voga. Logo vai para Diamantina/MG estudar sua arquitetura colonial, interessando-se por conhecer a Arquitetura Portuguesa, com a qual se encontrou ao retornar à Europa em 1948 e em 1952 (PESSÔA; COSTA, 2013).

Em 1948, a viagem com a família foi apenas para rever lugares por onde passou na infância. A segunda viagem, 1952, foi motivada por um tratamento de saúde, a família iria se instalar na Suíça e ele atravessaria Portugal sozinho. Esse percurso por Portugal foi dividido em 3 etapas entre 1952 e 1953 (PESSÔA; COSTA, 2013). Costa, além de percorrer todas as regiões de Portugal, também passou a registrar seus desenhos em bloquinhos, com traços (em grafite) mais soltos que aqueles descritos por Choay e Baudelaire, em relação aos antiquários e o pintor anônimo, respectivamente. A ideia principal era registrar a Arquitetura Portuguesa em desenhos, apresentando os detalhes construtivos sendo desenvolvidos “[...] 304 folhas de desenhos distribuídos em cinco bloquinhos e dois papéis avulsos [...]” (PESSÔA; COSTA, 2013, p. 27-28). Estes autores informam que Costa parecia ter interesse em tudo o que via: a arquitetura popular, os elementos construtivos, as cores registradas em anotações juntos aos desenhos. Muitos detalhes, como o arremate em chapa de um telhado das casas de Ericeira (Portugal). Os desenhos também representam igrejas e muitos detalhes, além de notas de identificação, desenhos dos balões em treliça de madeira e do muxarabi, reflexos da cultura árabe, além de outros materiais.

Lucio Costa ao realizar essa viagem, compondo os croquis da Arquitetura Portuguesa, a intitula como um ‘serviço’, talvez pelo momento vivenciado de mudanças na arquitetura - a busca pela nova arquitetura. Durante os percursos, escrevia cartas a Rodrigo de Melo Franco de Andrade, seu chefe no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), onde trabalhava desde 1937, com o intuito de informá-lo sobre as curiosidades que via nas cidades portuguesas (PESSÔA; COSTA, 2013).

Lucio Costa, Camillo Boito e Viollet-le-Duc apresentam muitas semelhanças:

- Em todos, há uma necessidade de estudar e conhecer outros lugares, em busca de entender o estilo arquitetônico passado registrado em desenhos/croquis.
- Nos estudos em croquis, há a necessidade da representação dos detalhes arquitetônicos e construtivos ou demonstrando o material aplicado.
- Todos trabalharam por uma nova arquitetura, como também pela herança cultural, como monumento histórico e patrimônio.

Entre os três e o pintor de costumes anônimo de Baudelaire, há poucas semelhanças. No entanto, entre o pintor anônimo e Lúcio Costa há uma semelhança, isto é, o desenho mais descompromissado de preciosismo e mais a intenção de mostrar a ideia do que se vê.

A semelhança comum aos quatro é da ideia de conhecer a cidade pelos desenhos. Esse processo de conhecer a cidade por meio dos desenhos, perpetua-se ao longo dos anos e nas experiências mais recentes, como as apresentadas a seguir.

O desenhar e o caminhar – as experiências recentes

O desenhar e conhecer e o desenhar e o caminhar se relacionam, pois, para desenhar necessita conhecer, assim como se necessita caminhar para conhecer e desenhar. Utilizando-se das práticas dos desenhistas que ao longo do tempo caminharam, conheceram e desenharam os lugares, as cidades, as arquiteturas, as pessoas, os animais, os objetos e tudo que pudesse atrair o interesse daquele que desenha,

pode-se identificar os naturalistas, como os primeiros a registrar os costumes de um lugar, caminhando e conhecendo os espaços (KALLAS, et al. 2020). Neste contexto, alguns autores da contemporaneidade já experienciaram o caminhar e/ou a *flânerie* e o desenhar, como forma de registro da cidade, da documentação do patrimônio e como forma de conhecer a cidade. A seguir apresenta-se quatro experiências.

A primeira experiência de Kallas et al. (2020) apresenta um percurso de 5 anos de atividades de um grupo de desenhistas de rua em Brasília/DF, os *Urban Sketchers Brasília/DF* que catalogaram por meio de *sketches*, 61 encontros presenciais que ocorreram antes da pandemia da Covid-19. Nesses, 23 lugares dos 31 espaços tombados no DE ou que tem instrução para tombamento foram desenhados e os outros 38 lugares foram considerados como espaços de interesse paisagístico, histórico, artístico ou emblemático para o grupo.

A proposição do grupo de desenhadores de rua é conhecer a cidade por meio dos *sketches* e, por vezes, apresentar algo da história e do patrimônio da cidade, além dos espaços que têm valor pessoal ou coletivo e que possam agregar a ideia de pertencimento ao local, no caso, pertencimento à cidade de Brasília, uma vez que é um lugar de muitas migrações devido a sua condição de Capital Federal. O engajamento desses encontros é regular, com até 10 pessoas em cada um e episódios de maior engajamento, devido ao interesse por determinado lugar, podendo chegar a 40 pessoas, como o que ocorreu no Encontro da Mansão dos Arcos, lugar projetado pelo arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé.⁴ Isto devido a grande maioria dos participantes serem estudantes de arquitetura e o local ter sido projetado por um arquiteto reconhecido por suas características de construir. A mansão está em uma área nobre e em sua construção foram utilizados materiais mais simples, como o tijolinho, também chama a atenção pela existência de uma grande cobertura para receber um jardim, que possibilita conforto térmico à edificação. O local já foi moradia, mas atualmente funciona como um espaço de aluguel para festas.

Na segunda experiência, Kallas, et al.(2020), apresentam um panorama histórico sobre os antigos desenhadores, ou naturalistas e apresentam autores contemporâneos mostrando diferenças na apresentação dos costumes, como os registros das vestimentas, dos veículos e das edificações. Em um primeiro momento é possível visualizar as diferenças, devido ao estilo arquitetônico, além da diferença nos traços, a simplicidade dos traços entre os desenhadores contemporâneos em relação aos naturalistas.

Nessas duas primeiras experiências é possível também visualizar as semelhanças, em todos os lugares retratados, por meio do caminhar, conhecer um pouco da história e representar por meio dos desenhos ou *sketches*, um pouco da arquitetura e da cidade, registrando seus valores.

Também nesse contexto, apresenta-se a forma de conhecer a cidade pela *flânerie* e os desenhos de Del Rio (2016, p. 248). Explorando Charles Baudelaire e Walter Benjamin, o autor se identifica “com o ‘experienciar’ a urbanidade das cidades como um *flâneur*, descobrindo e redescobrando qualidades do seu desenho urbano e aprendendo muito com isso” (DEL RIO, 2016, p. 248). Neste sentido, Del Rio (2016) coloca sua *flânerie* por Lisboa como uma experiência visual acompanhada por outros elementos

4 As informações sobre os encontros foram coletadas pelos próprios autores que são representantes do grupo de desenho de rua em Brasília intitulado *Urban Sketchers Brasília/DF*.

de registro documental de uma viagem. Ao caminhar por Lisboa ele relaciona algumas cenas urbanas com as proposições de Gordon Cullen, em seu livro *Paisagem urbana*, ordenando de forma estética o que se vê em Lisboa. As observações de Del Rio (2016) em seus próprios desenhos representam o que está sendo visto, mas dá ao espectador a possibilidade de entender o porquê daquele registro, apresentando as características temporais, espaciais e, principalmente, os detalhes construtivos arquitetônicos e urbanos, assim como os elementos identitários, ao *flâneur* possibilita o marcante registro, ligando um determinado espaço a um momento de sua vida. Del Rio ao explorar a *flânerie* com o desenho, de forma desprovida do rigor científico, apresenta um valor agregado ao lugar, um registro talvez único sobre aquele espaço que pode gerar ao espectador um interesse em também conhecê-lo.

De outro lado, uma quarta experiência é trazida, apresentada por Imam, Bakr e Anany (2016). Apresenta-se como um registro documental do patrimônio, e como um testemunho único em desenhos de uma das ruas mais antigas de Alexandria, no Egito, a rua Gamal Abdel Nasser. Os autores apresentam uma edificação, mostrando suas principais características e história, como ano de edificação, arquiteto que a projetou, o estilo arquitetônico, a função/ atividade exercida na edificação desenhada e por fim sua nacionalidade. Ao falar sobre os desenhos, os autores tratam sobre os materiais, técnicas e tipos. Expõem, ainda o método do registro documental, apresentando a localização e o gabarito da edificação. Utilizam juntamente com os desenhos à mão livre, ferramentas digitais para dar suporte às análises, como composição, proporção, altura, fechamentos, detalhes, aberturas, abstração e equilíbrio do edifício desenhado. Imam, Bakr e Anany (2016) assinalam a importância do desenho ser utilizado para o registro documental da cidade e da arquitetura. Ainda, relatam que os desenhos devem ser feitos de forma livre, sem o preciosismo da precisão.

De forma geral, as experiências mostram muitas semelhanças:

Nas quatro experiências, o registro documental da cidade como forma de conhecê-las, é um consenso. No que se refere ao registro documental patrimonial, três experiências afirmam ser uma forma importante para o registro do patrimônio, se considerarmos a colocação de Choay, ou seja, como uma forma de agregar valor ao edifício ou monumento de valor histórico.

A utilização do desenho de forma livre é praticamente um consenso, embora nem todas as experiências informassem abertamente sobre a liberdade do traço, sem muita precisão. Porém, isto é claramente observado nos desenhos de cada experiência, uma vez que não há um estilo de desenho único, nem uma especificação da ordem do que se deve desenhar, nem de medidas a serem tomadas.

Quanto ao desenhar e caminhar, é também óbvio, que a atividade do caminhar, do *flâneur* é comum a todos, como forma de conhecer a cidade associando-a aos desenhos. Já em relação às diferenças entre as experiências, estas são quase inexistentes, uma vez que todos apresentam o desenho como forma de documentação, seja pessoal, seja patrimonial com finalidade de conservação. Todos dão valor ao que é desenhado, o que possibilita a ser, no futuro ser um registro que possa dar valor agregado aos lugares.

As viagens exploratórias de Brasília à Goiás

As viagens exploratórias ocorreram em vários momentos, nos anos de 2015, 2016 e 2019, em pequenos trajetos e duração, com o objetivo de conhecer cidades mais antigas do Centro-Oeste brasileiro.

A primeira ocorreu em uma semana de janeiro de 2015, a partir da necessidade e o interesse dos autores em explorar melhor cada recanto das cidades. Outras oportunidades surgiram, de forma a explorar um pouco mais a cada viagem, como a de Brasília a Pirenópolis em março de 2015, em um dia; a de maior período, ocorrida em janeiro de 2016, durou uma semana; e a mais recente, ocorrida em 2019, em dois dias.

A seguir, as informações sobre as quatro viagens exploratórias:

- Primeira (Janeiro/2015): Um percurso rápido de dois dias à Goiânia, conhecendo um pouco dos pontos turísticos da cidade.
- Segunda (28/03/2015): Realizada em função de um encontro regional dos *Urban Sketchers* (USk) de Brasília/DF e de Goiânia/GO, organizado por ambos. O encontro de desenhistas foi na Praça do Coreto da Cidade de Pirenópolis.
- Terceira (Janeiro/2016): Percurso contínuo com duração de uma semana Partiu de Brasília, percorrendo as cidades de Goiânia, Cidade de Goiás, Pirenópolis e Corumbá de Goiás. Na bagagem para o desenho das cidades, papéis avulsos para aquarela e um Sketchbook com papel offset 150g/m; tintas aquarela e pincéis, bem como canetas marcadoras.
- Quarta (Maio/2019): Período de dois dias na Cidade de Goiás e na bagagem, apenas aquarela e sketchbook com papel 300g/m.

Para uma melhor apresentação metodológica das viagens exploratórias, é apresentada na Imagem 1, um percurso dos trajetos de cada viagem exploratória. Porém, a apresentação dos desenhos produzidos nas quatro viagens⁵ é apresentada por cidade para melhor compreensão.

Em cada imagem serão apresentadas breves informações como em qual viagem exploratória foram desenvolvidos os desenhos, bem como dados gerais das edificações, como dados cronológicos de sua construção (quando houver), estilo arquitetônico, a autoria do projeto (quando houver), seus usos e sua importância para a cidade.

Imagem 1 – Trajetos das 4 viagens exploratórias de 2015 a 2019.



Fonte: Percurso de cada viagem datada com a identificação dos lugares desenhados. Autora: Luana Kallas e Juan Guillen.

⁵ Nem todos os desenhos das quatro viagens foram inseridos neste ensaio. Sendo apresentado aqueles que pudessem parecer um trajeto caminhando à pé.

Goiânia – Goiás

Na imagem 2, apresentam-se os desenhos da primeira viagem exploratória, ocorrida em 2015, saindo de Brasília pela BR 060 e chegando à Goiânia pela BR 153 (trajeto azul na Imagem 1), no trevo da Av. Jamel Cecílio com a BR 352 (GO 020), encontra-se o Centro Cultural Oscar Niemeyer, todo em estilo Arquitetônico Moderno, característico dos projetos de Oscar Niemeyer, também autor do projeto deste lugar e construído em 2006.

O espaço é utilizado como praça, por ser toda pavimentada, muitos usuários de *skate*, patins, e bicicletas, entre jovens, crianças e suas famílias aproveitam o fim de tarde deste espaço. Algo impactante, é a dificuldade para um pedestre chegar ao espaço, devido a sua localização estar à beira da estrada (com velocidades de 80km e 60Km), mas há uma parada de ônibus municipal e metropolitana, mas não há calçadas nas proximidades.

No dia seguinte, um percurso dentro da parte histórica de Goiânia, chegando-se primeiro ao antigo Edifício da Estação Ferroviária de Goiânia, parada breve de uma hora, para captar rapidamente os traços do lugar, que parecia um pouco abandonado.

A Estação fica localizada no extremo oposto ao da Praça Cívica e foi inaugurada em 1950 e restaurada e entregue em maio de 2019, novos desenhos foram realizados em 2019, mas o apresentado na Imagem 2 é de 2015, no primeiro contato visual com a edificação. O desenho e pintura foram em aquarela e a cor representa um tom de amarelo “queimado”, além de possuir cerâmicas em tom marrom.

Imagem 2 – Goiânia pela Arquitetura Moderna e Art Dèco.



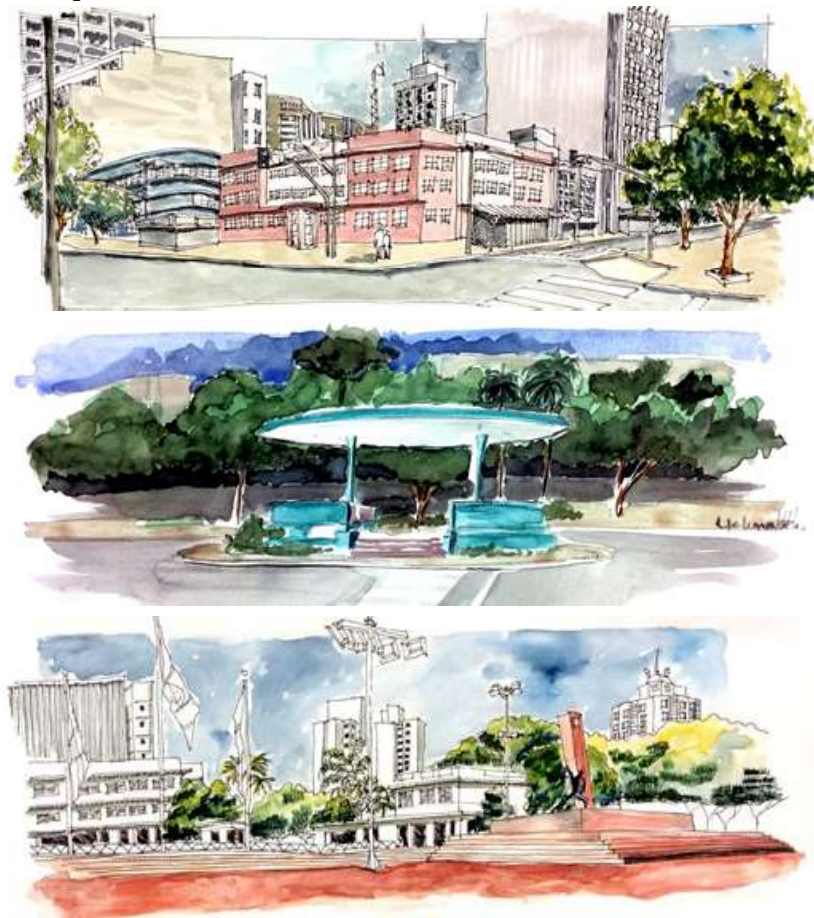
Fonte: Desenhos do Centro Cultural Oscar Niemeyer e Estação Ferroviária de Goiânia. Autora : Luana Kallas.

Ainda no mesmo dia, e na Av. Goiás, saindo da estação, uma parada para “imprimir” um pouco do edifício do Antigo Grande Hotel (primeiro desenho da Imagem 3), o primeiro hotel da cidade, em estilo Art Dèco, construído em 1937 e pintado em dois tons de rosa pastel característico da paleta do Art Dèco.

Entre a Av. Goiás e a Praça Cívica, o Coreto, construído na década de 1940, restaurado recentemente e possui um tom verde pastel (segundo desenho da Imagem 3).

Seguindo para a Praça cívica (terceiro desenho da Imagem 3), pode-se visualizar alguns dos edifícios tombados da Praça, assim como o monumento em homenagem às pessoas que ajudaram a construir a cidade.

Imagem 3 – Goiânia pela Arquitetura Art Dèco.



Fonte: Desenhos do (antigo) Grande Hotel, do Coreto na Av. Goiás, e da Praça Cívica. Autores: Juan Guillen, Luana Kallas e Juan Guillen, respectivamente.

Saindo do percurso histórico e conhecendo áreas mais adensadas, como o Setor Bueno, com uma parada para desenhar o Parque urbano Vaca Brava (Imagem 4).

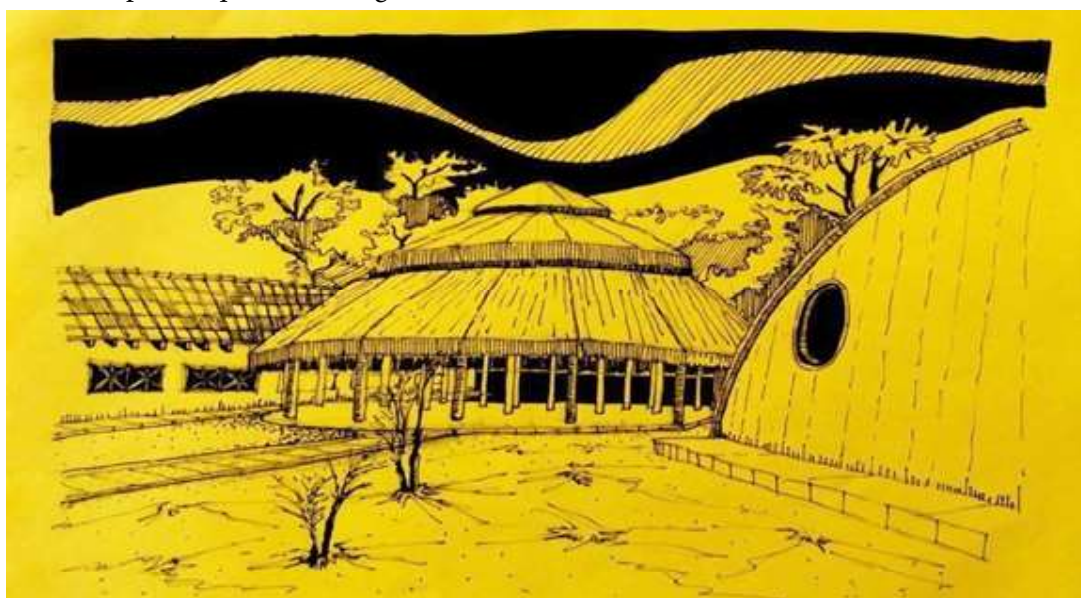
Na sequencia, a Imagem 5, desenho produzido na viagem exploratória de 2016, na Universidade Federal de Goiás, uma construção diferente, o Núcleo de formação superior indígena Takinahaky, com uma breve parada para desenhar em nanquim, em menos de uma hora.

Imagem 4 – Goiânia pelo Parque urbano.



Fonte: Desenhos do Parque Vaca Brava. Autor: Juan Guillen.

Imagem 5 – Goiânia pela Arquitetura Indígena.



Fonte: Desenho do Núcleo de formação superior indígena Takinahaky. Autor: Juan Guillen.

Cidade de Goiás - Goiás

Na Cidade de Goiás, primeira capital de Goiás, com características dominantes do período colonial, apesar de construções com característica de outros estilos arquitetônicos, em algumas festividades, a capital de Goiás é transferida simbolicamente para a Cidade de Goiás, ou como é conhecida “Goiás velho”.

Os desenhos das imagens 6 e 7 foram realizadas durante a terceira viagem exploratória e os desenhos da Imagem 8 foram realizados em 2019.

Os desenhos das Imagens 6 e 7 são de lugares próximos entre si, o primeiro desenho, é a casa de Cora Coralina (em estilo colonial à esquerda) realizado desde a sacada do Hotel Casa da Ponte, onde é possível ver a ponte sobre o Rio vermelho que abastece a cidade.

Seguindo na mesma rua da ponte, se alcança o casario do segundo desenho realizado desde a escadaria da Igreja Nossa Senhora do Rosário, em estilo Neogótico (Imagem 7), que já fora colonial e

ao lado, o convento (também Imagem 7, à direita), subindo na rua pela lateral esquerda da Igreja Nossa Senhora do Rosário se alcança a residência representada no último desenho da Imagem 6.

Imagem 6 – Cidade de Goiás pela Arquitetura Colonial.



Fonte: Desenho da Casa de Cora Coralina, de Casario com vista desde a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e um casario com características coloniais, próximo à Igreja Nossa Senhora do Rosário. Autora: Luana Kallas.

Imagem 7 – Cidade de Goiás pela Arquitetura Neogótica e Colonial.



Fonte: Desenho da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e do Convento do Rosário. Autora: Luana Kallas.

Voltando pela ponte sobre o Rio Vermelho, se alcança a Praça do Coreto, onde está o Coreto em estilo Art Nouveau (primeiro desenho da Imagem 8, à esquerda) e onde funciona hoje uma sorveteria.

Seguindo à direita da Igreja da Boa Morte (não representada aqui neste ensaio e que fica em frete a esta Praça) pode-se chegar a Praça Brasil Caiado onde se encontra o Chafariz da Boa Morte, também conhecido como Chafariz de Cauda, em estilo colonial, e que abastecia a cidade (segundo desenho da Imagem 8, à direita). Os desenhos da Imagem 8 foram desenvolvidos na quarta viagem exploratória, em 2019 realizada de Goiânia à Cidade de Goiás, com estadia de 2 dias, nessa viagem somente esses 2 desenhos foram produzidos.

Imagem 8 – Cidade de Goiás pela Arquitetura Colonial e Art Nouveau



Fonte: Desenho do Chafariz de Cauda e do Coreto da Praça (na Praça do Coreto). Autora: Luana Kallas

Pirenópolis - Goiás

Pirenópolis também foi explorada em duas viagens, a primeira em março de 2015, em um dia, no 1º Encontro de *Urban Sketchers* (USk) Regional entre O USk de Brasília/DF e o USk de Goiânia, um dos resultados é o primeiro desenho da Imagem 9 (à esquerda), que desde a Praça do Coreto (local de encontro) foi possível identificar a presença marcante da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (segundo desenho da Imagem 9, à direita), construída entre 1761 e 1763 em estilo colonial e tombada em 1941 (IPHAN, 2021), mas que foi desenhada em 2016, na terceira viagem exploratória, na sequência da exploração da Cidade de Goiás.

A Igreja Matriz passou por incêndio e foi restaurada, além disso, o Iphan (2021) indica que “[...] a Igreja é o maior edifício religioso de todo o Centro-Oeste. Esse monumento foi tombado em 1941 e ainda permanece como lugar religioso. A igreja foi totalmente restaurada entre 1998 e 2001, inclusive os altares, forro da capela mor e imagens”.

Imagem 9 – Pirenópolis pela Arquitetura Colonial.

Fonte: Desenho desde a Praça do Coreto para a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário e uma vista de frente para a mesma igreja. Autores, Juan Guillen e Luana Kallas, respectivamente.

Ainda na Terceira viagem exploratória, de 2016 foram desenhados entre outros locais, uma Casa da Praça do Coreto (primeiro desenho da Imagem 10) e um casario na Rua do Lazer (segundo desenho da Imagem 10) da cidade, ambos em estilo colonial, mas nenhuma dessas edificações é tombada.

Imagem 10 – Pirenópolis pela Arquitetura Colonial.

Fonte: Desenho de Casarios, a primeira na Praça do Coreto e a segunda, na Rua do Lazer. Autora: Luana Kallas.

Corumbá de Goiás - Goiás

Em Corumbá de Goiás, o contato foi apenas na terceira viagem exploratória, que resultou em poucos desenhos, ao final de uma semana de viagem, e uma breve passagem de poucas horas pela cidade, para

caminhar um pouco pela parte histórica, que resultou no primeiro desenho da Imagem 11 e na sequência, já andando de automóvel, um casario com características coloniais, chamou a atenção, com uma porta e várias janelas em contraste com um símbolo de tempos recentes, o poste de luz, que resultou no segundo desenho da Imagem 11.

Imagem 11 – Corumbá de Goiás pela Arquitetura Colonial.



Fonte: Desenho de Casario e Igreja Nossa Senhora da Penha de França e de casario com características de arquitetura colonial. Autora: Luana Kallas.

Em Corumbá de Goiás, somente a Igreja Nossa Senhora da Penha de França e seu acervo são tombados, mas conhecendo um pouco a cidade, é possível verificar um pouco da ambiência colonial em algumas partes da cidade, principalmente nas proximidades da Igreja Matriz, que foi “Construída pelos escravos, entre 1731 e 1751, como não houve uma exploração da Igreja na parte interna somente um desenho foi realizado como já mostrado.” (IPHAN, 2021)

Já na saída de Corumbá, na BR 414, do Mirante do Salto do Corumbá, um último desenho antes de finalizar a Terceira viagem exploratória que ocorreu em 2016. O registro do Salto do Corumbá, a cachoeira que atrai muitas pessoas, uma vista incrível da área de proteção que a envolve, e depois o retorno para Brasília pela BR 414 e a BR 070, passando por Girassol, um distrito de Cocalzinho de Goiás e por águas Lindas de Goiás até entrar no Distrito Federal e em Brasília.

Todos os desenhos apresentados são de viagens exploratórias partindo de Brasília, explorando principalmente as cidades de Goiânia, Cidade de Goiás, Pirenópolis e Corumbá de Goiás e apenas a viagem de 2019, a cidade de partida foi Goiânia.

Esse trajeto e as explorações por meio dos desenhos foram importantes para conhecer um pouco mais da história dessas cidades e sua relação com a construção de Brasília, como apresentando no artigo sobre a “Representação e história da antiga Estação Ferroviária de Goiânia e da antiga Rodoferroviária de Brasília documentada por sketches”, publicação no prelo.

Imagem 12 – Vista do Salto do Corumbá, na saída de Corumbá de Goiás pelo Ambiental.



Fonte: Desenho do Salto do Corumbá em mirante na estrada na saída de Corumbá de Goiás. Autora: Luana Kallas.

Esse trabalho demonstra a relação de Goiânia com Goiás, quando uma das justificativas para a construção da nova capital Goiânia é traduzida como símbolo de modernidade, uma vez que a nova arquitetura daquela época traduz e deixa para trás o estilo colonial, bem representado pela Cidade de Goiás. No mesmo documento, e quanto à construção de Brasília fica clara sua dependência à Goiânia e Goiás, devido a estrada de ferro.

A parte disso, para a arquitetura, a viagem exploratória é uma forma de conhecer a cidade, caminhando e desenhando por ela, identificando as edificações tombadas e sua importância para cada cidade e como as outras edificações que mantêm uma característica arquitetônica predominante do lugar ajuda a manter uma ambiência nas cidades corroborando para também manter seus valores históricos por meio da manutenção da ambiência do lugar.

No quesito desenho, o uso de materiais mais práticos, como aquarela, canetas marcadoras e nanquim possibilitam também desenhos mais rápidos, sem preocupação com precisão, mas sim em “imprimir” as principais ideias do lugar desenhado, uma forma de documentação da cidade e da arquitetura, onde o desenho e a pintura propiciam “imprimir” também as características de cor e sombras do momento retratado, que agregam valor à pintura.

A cada novo desenho ou *sketch*, por observação direta, mais detalhes são agregados e proporciona desenhos inigualáveis, mesmo que com técnicas diferentes se mantém o estilo do desenhista.

Conclusão

A importância do registro documental em viagens exploratórias citadinas - De Brasília á Goiás,

do Moderno ao Colonial é um ensaio que demonstra como o desenho pode agregar valor ao monumento histórico, ao patrimônio, como também a cidade.

Como visto, os arquitetos sempre se utilizaram desse recurso para conhecer a cidade, caminhando por ela e registrando em desenhos, tanto pelos arquitetos apresentados como teóricos, como pelos arquitetos das recentes experiências, entre tantos outros.

Em todas as experiências apresentadas, dos teóricos e das recentes experiências, o princípio básico é conhecer, e para conhecer precisa caminhar, essa prática se complementa com o desenho, de observação direta, agrega valor e revela um olhar único por aquele que desenha.

Em suma, todas as experiências, apresentam algum tipo de valor agregado às edificações, ao monumento histórico e ao patrimônio.

O desenho, na observação direta, é uma prática livre na concepção mais recente, sem métricas precisas, que na concepção dos antigos teóricos, como Viollet-le-Duc e Boito tinham um rigor maior, principalmente com Boito. Mas como demonstrado por Lucio Costa, a ideia do que se está registrando é uma excelente forma de documentação, conhecimento sobre uma determinada arquitetura, como ele fez com a Arquitetura Portuguesa.

A demonstração de Lucio Costa se comprova nas experiências apresentadas de Kallas, Guille-Salas, Silva, Del Rio, Imam, Bakr e Anany, bem como nas viagens exploratórias de Brasília à Goiás.

Nas viagens exploratórias, se alcança o objetivo que parte do Estilo Arquitetônico Moderno e se alcança o Colonial, passando pelo Art Dèco, Art Nouveau e o Neogótico. A viagem exploratória citadina é uma forma de conhecer de perto exemplares desses estilos em pleno Centro-Oeste brasileiro, em cidades do interior do país, onde o acesso era muito difícil e demorado até o séc. XX, demonstrando uma relação de dependência entre as cidades apresentadas de Brasília, Goiânia, Cidade de Goiás, Pirenópolis e Corumbá de Goiás.

Referências

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**. Organizador: Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

BOITO, C. **Os Restauradores**. 4. ed., 3 v. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2008.

BRESSANI, M. **Architecture and the historical imagination**. Eugene Emmanuell Viollet-le-Duc, 1814-1879. England: Ashgate Publishing Company, 2014.

CHOAY, F. **Alegoria do patrimônio**. Lisboa/PT: Edições 70, LDA. 2014.

DEL RIO, V. Perambulando pelo centro histórico de Lisboa: urbanidade, o flâneur e as qualidades visuais da cidade. In: RHEINGANTZ, P. R.; SZAPIRO A. (Orgs.), **Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016, p. 248-270.

FREITAS, P. M. G. de. A importância da documentação arquitetônica para a Restauração: a experiência de Camillo Boito. **Revista Jatobá**, [S. l.], v. 2, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revjat/article/view/65425>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

GUILLEN-SALAS, J. C.; KALLAS, L. M. E.; SILVA, N. F. Registro documental com tecnologias digitais não convencionais na arquitetura: o estudo de caso do Museu da Cidade de Brasília /DF. **RCT - Revista de Ciência e Tecnologia**, [S.l.], july 2021. ISSN 24477028. Disponível em: <<https://revista.ufrb.br/rct/article/view/7015>>. Acesso em: 29 july 2021.

IMAM, M. M.; BAKR, A. F.; ANANY, Y. M. Use of freehand sketching: Documenting heritage buildings, Gamal Abdel Nasser Street (1830–1930), Alexandria, Egypt, **Alexandria Engineering Journal**, v. 55, n. 3, p. 2749-2764, 2016, ISSN 1110-0168, <<https://doi.org/10.1016/j.aej.2016.04.034>>.

IPHAN. Instituto de Patrimonio Histórico Artístico e Nacional. **Patrimônio Material**. 2021. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>>. Acesso em 30 jul. 2021.

KALLAS, L. M. E.; GUILLEN-SALAS, J. C.; SILVA, E. A. S. da. Resgate, valorização, educação e documentação do patrimônio por meio de sketches. **Revista Jatobá**, [S. l.], v. 2, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/revjat/article/view/66526>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

KALLAS, L. M. E.; SILVA, E. A. S. da.; GUILLEN-SALAS, J. C. O patrimônio edificado e urbanístico do plano piloto de Brasília [DF]: documentação, valorização e resgate por meio dos 'sketches'. **Labor e Engenharia**, Campinas, SP, v. 14, p. e020014, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8663414>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

MICHAELIS. 2021. Flâneur. **Verbete**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/escolar-frances/busca/frances-portugues/fl%C3%A2neur/>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

PESSÔA, J.; COSTA, E. (Orgs.). **Bloquinho de Portugal**. A Arquitetura Portuguesa no Traço de Lucio Costa. Rio de Janeiro/BR: Funarte, 2013.

Submetido em: 26.08.2021

Aceito em: 20.10.2021